

O CONHECIMENTO NEGRO-AFRICANO E/OU AFRODIASPÓRICO NAS PRODUÇÕES AFROCENTRADAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

*NEGRO-AFRICAN AND/OR AFRODIASPORIC KNOWLEDGE IN AFROCENTRATED
PRODUCTIONS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PERNAMBUCO*

José Diêgo Leite Santana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4945-6354>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

E-mail: dijo.santana@hotmail.com

Aurino Lima Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7883-9549>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

E-mail: aurinolima@gmail.com

Resumo

A afrocentricidade possibilita modos outros de investigação que não sejam orientados por agências etnocêntricas. É uma abordagem teórico-metodológica de transformação e de rupturas com modelos hegemônicos que estruturam o racismo epistêmico, tão presente na academia. As pesquisas afrocentradas, para manter coerência com seus princípios ontológicos e epistêmicos, devem centrar-se em um cânone outro, que respeite os referenciais negro, africano e afrodiaspórico. Problematizar formas de fazer ciência é uma atitude que se coloca a favor de mundos mais plurais, justos e cocriadores de realidades menos opressoras. Importa, pois, que a academia seja um espaço problematizado para discussão de filosofias e epistemologias que são postas em um lugar de subalternidade, quando não deslegitimadas. Nesse sentido, temos como questão de pesquisa: como são os quadros teóricos das pesquisas afrocentradas produzidas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco? Objetivamos investigar em que medida as produções afrocentradas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco são voltadas para as lentes teóricas negro-africanas e afrodiaspóricas. Este estudo do tipo estado da arte quantificou dez publicações com autorias negra, africana e afrodiaspóricas que foram levantadas no repositório institucional investigado. Os resultados apontam a necessidade de desestabilizar os cânones epistêmicos e teóricos da academia, bem como de postular fundamentos teóricos mais afrocentrados em pesquisas que tratam da afrocentricidade, visto que há uma prevalência de referenciais ocidentais. Quando verificamos as pesquisas por Programas de Pós-Graduação, encontramos no Programa de Pós-Graduação em Educação a maior inclusão de referencial negro, africano e afrodiaspórico nas pesquisadas.

Palavras-chave: Afrocentricidade; Pensamento Africano; Racismo Epistêmico.

Abstract

Afrocentricity allows for other modes of inquiry that are not guided by ethnocentric agencies. It is a theoretical-methodological approach to transformation and breaks with hegemonic models that structure epistemic racism, so present in academia. Afro-centered research, in order to maintain consistency with its ontological and

epistemic principles, must focus on another canon, which respects the black, African and Aphrodisporic references. Problematizing ways of doing science is an attitude that favors more plural, fairer worlds and co-creators of less oppressive realities. It is important, therefore, that the academy is a problematized space for the discussion of philosophies and epistemologies that are placed in a place of subordination, when not delegitimized. In this sense, we have as a research question: what are the theoretical frameworks of Afro-centered research produced in the Graduate Programs of the Federal University of Pernambuco? We aim to investigate to what extent the Afro-centered productions in the Graduate Programs of the Federal University of Pernambuco are focused on black-African and Aphrodispora theoretical lenses. This state-of-the-art study quantified ten publications with black, African and Aphrodisporic authorship that were raised in the institutional repository investigated. The results point to the need to destabilize the epistemic and theoretical canons of academia, as well as to postulate more Afrocentric theoretical foundations in research dealing with Afrocentricity, as there is a prevalence of Western references. When we checked the research by Postgraduate Programs, we found in the Postgraduate Program in Education the greatest inclusion of black, African and Aphrodisporic references in those surveyed.

Keywords: Afrocentricity; African Thought; Epistemic Racism.

INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa do tipo estado da arte é compreender como as produções afrocentradas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco estão sendo pensadas desde o pensamento negro-africano e afrodispórico. Entendemos que o pensamento africano não é uma ordem monolítica e estática, muito menos uma estrutura homogênea, mas na limitação do termo, afirmamos como sendo um campo de estudo orientado e posicionado nos múltiplos referenciais políticos, culturais, filosóficos e epistêmicos africanos.

Duas questões são elementares a este estudo: quem possui a capacidade de conhecer? E o que é o conhecimento? A filosofia ocidental foi se tornando um lugar epistemológico geopolítico privilegiado e responsável por iluminar os períodos de trevas da humanidade, de onde deveria emergir o modo de pensar o mundo e sua realidade. Essa é a abordagem eurocêntrica, contada, historicamente, em uma única perspectiva (ADICHIE, 2009).

Modos outros de se pensar o conhecimento, sua produção, sua validação e o sujeito cognoscível foram invisibilizados e subalternizados. A isso chamamos de racismo epistêmico (CARNEIRO, 2005). Valores importantes para a construção do conhecimento, como autodeterminação, autonomia e a diferença foram subestimados em detrimento do valor da

universalidade, tão caro para a empreitada colonial europeia nos processos de expansão marítima.

Em um estudo recente, Santana (2020) sugere a necessidade de revisitarmos os referenciais teóricos e metodológicos das pesquisas que envolvem os estudos africanos e aqueles que lidam com fenômenos que notadamente são próximos dos valores africanos e afrodiaspóricos. Ainda nos posicionamos nos modos de fazer ciência a partir das lentes teóricas e das bases axiológicas eurocêntricas para investigar em contextos afrocentrados. O racismo epistêmico minimizou – quando não produziu como inexistente – a produção científica e filosófica africana.

Herdeiros que somos desse legado, denegamos nosso tecido político-cultural africano. Realizamos o mesmo movimento de opressão colonial de universalizar as realidades e as existências. Ramose (2011) denuncia o quanto excludente é a universalidade, chegando a propor uma pluriversalidade, que é a compreensão da necessidade múltipla das filosofias particulares conviverem radicalmente em um mesmo tempo.

Buscamos os referenciais eurocêntricos e acabamos reproduzindo um tipo de ciência fechada, que não cessa de produzir narrativas não inclusivas. Como Santana (2020, p. 36-37) nos mostra, “desconhecemos as produções africanas, dentre tantos motivos, porque a colonização permitiu um movimento de desespirtualização dos povos africanos”. Esse movimento é o mesmo que nos levar a produzir conhecimento sempre na perspectiva de uma geopolítica europeizada.

As pesquisas afrocentradas, por suposição ontológica, devem honrar o quadro teórico negro-africano e afrodiaspórico como um contra-movimento epistemológico comprometido, ética e esteticamente, com a pluriversalidade. Nesse sentido, a contribuição de Hountondji (2008, p. 151) é bastante oportuna ao questionar “quão africanos são os chamados estudos africanos?”. É essa inquietação que nos levou a questionar, neste trabalho: como são os quadros teóricos das pesquisas afrocentradas produzidas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco?

O propósito deste estudo foi investigar em que medida as produções afrocentradas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco são voltadas para as lentes teóricas negro-africanas e afrodiaspóricas.

Esse é nosso caminho ontológico neste estudo: tensionar as formas de fazer ciência, buscando afirmar mundos mais plurais e realidades menos indivisíveis. Para tanto, é necessário que possamos conhecer filosofias e epistemologias outras que são invisibilizadas e negadas.

O presente estudo apresenta uma breve articulação teórica afrocentrada. Discutimos alguns pressupostos ontológicos e algumas posições epistêmicas acerca da afrocentricidade que causam fissuras no pensamento hegemônico. Em seguida apresentamos a estrutura e construção metodológica deste estado da arte. Os dados são apresentados e discutidos em uma perspectiva de engajamento político-epistêmico, evidenciando que a neutralidade científica é apenas uma das marcas do racismo epistemológico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Guerreiro Ramos (1995) opõe-se a uma visão essencialista e determinada do(a) negro no Brasil. Se a linguagem permitisse falar sem gerar disposições universais, a ideia do ser negro foi tematizada de modo especialmente branco. Com isso queremos dizer que a noção histórica, sociológica e antropológica da experiência negra brasileira – como se esses termos pudessem localizar as pluralidades e divergências das experiências – é contada na perspectiva do sujeito branco.

Ramos (1995) causou uma imensa fissura na estrutura social e epistêmica quando nos mostrou que o pesquisador branco sempre delega aos sujeitos negros a posição de objeto de pesquisa. A posição de sujeito cognoscível é sempre branca. É assim que vamos encontrando a produção e a materialização de cânones teóricos que esquecem ou negam a contribuição negro-africana ou afrodiaspórica. Até porque, racializados pelos colonizadores, os africanos tiveram expurgadas sua autodeterminação e seus agenciamentos originários, tornando-se, nas narrativas coloniais, devedores de seus processos civilizatórios aos europeus.

A afrocentricidade vem, como assegura Asante (2016), rejeitar a marginalidade a que foi conduzido o pensamento africano e afrodiaspórico. Mais que rejeitar essa posição, é criar condições epistêmicas para possibilitar fissuras no racismo epistêmico (CARNEIRO, 2005). É esse racismo epistêmico que construiu a imagem do Outro como não-ser. A simetria opositora é sempre a partir do branco e seu lugar confortavelmente privilegiado em sociedades tecidas pelo racismo.

Questões como a crítica à dominação cultural e econômica imposta pela Europa à África e América Latina, especialmente, são bases para reflexão, mudança e ação frente o epistemicídio do pensamento negro-africano e afrodiaspórico. Pela afrocentricidade, os sujeitos historicamente racializados e inferiorizados tomam consciência dos poderes coloniais que criaram realidades excludentes e totalitárias. Tornam-se, pois, sujeitos de sua própria história com capacidade de agência e desalojamentos das estruturas opressoras.

O pensamento negro-africano e afrodiaspórico apresenta estética, filosofia, cosmologia e axiologia próprias. Isso acaba modelando outros modelos para suas epistemologias, que consideram as realidades africanas (MAZAMA, 2009). Desse modo, a ideia de único centro geopolítico de conhecimento de mundo – a saber, o Ocidente e mais especificamente a Europa – acaba por ser questionada. Como afirma Karenga (2003), outros centros de produção do conhecimento possibilitam novas realidades, de onde emergem o compromisso com uma ética menos exploratória e mais coletiva, menos destrutiva e mais participativa de mundo, menos de individualidade e mais de circularidade.

Asante (2016) afirma a potência da afrocentricidade como uma perspectiva contra-hegemônica capaz de questionar a universalização das experiências culturais europeias, tão particular, patriarcal e capitalista. Assim, pela afrocentricidade, investigamos os fenômenos centrados em outras agências de análise. Enquanto um modo sistematizado de pensamento outro, a afrocentricidade anuncia e enuncia formas epistêmicas antirracistas, antipatriarcais, anticapitalistas e antissexista. Nisso reside seu caráter inovador, localizado e alargado das realidades, que são sempre postas pelo pensamento branco, eurocêntrico e colonial.

De modo mais pujante, a afrocentricidade é capaz de contestar a experiência particular eurocêntrica que impôs o seu tipo de humanidade como o único possível de existir no mundo.

Outro ponto de destaque é que não pretende a afrocentricidade ocupar-se dos tempos e espaços humanos como sendo o centro legítimo de produção de conhecimentos, mas é uma perspectiva revitalizadora de modos outros de produzir conhecimento de mundos.

METODOLOGIA

Este estudo foi estruturado, metodologicamente, para ser uma pesquisa qualitativa do tipo estado da arte. A opção pela abordagem qualitativa se dá porque, como nos mostra Creswell (2010, p. 26), é um modo de investigação que busca “entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. A própria questão de pesquisa fez emergir o modelo qualitativo do estudo.

Na construção da pesquisa qualitativa, Creswell (2010) aponta as concepções filosóficas, as estratégias de investigação e o método de pesquisa como sendo os elementos necessários para a pesquisa apresentar o rigor que desejamos no conhecimento científico. Assim, nossa concepção filosófica – que poderíamos dizer que é o conjunto de afirmações epistêmicas e ontológicas – é centrada no construtivismo social. Este entende o sujeito como um ser social que elabora significados em para suas ações e, na pesquisa, o trabalho é voltado para a interpretação do que foi construído por certo grupo social.

Faz parte da concepção filosófica deste trabalho a afrocentricidade enquanto paradigma ou abordagem interpretativa. A afrocentricidade articula modos epistemológicos contra-hegemônicos que questionam o poder da experiência cultural europeia sobre outros territórios e povos. Nessa abordagem, os valores culturais, políticos e sociais africanos são reconhecidos como perspectivas importantes para a produção do conhecimento (ASANTE, 2007).

Nossa escolha pelo paradigma da afrocentricidade fundamentou-se no compromisso do pesquisador em utilizar lentes teóricas negro-africanas quando se lança às questões de recorte africano ou que se aproxima dele. Supomos que nosso questionamento foi guiado pela desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008), na tentativa de ampliarmos as possibilidades que são postas e naturalizadas pelas epistemologias europeias e ocidentalizadas.

Como estratégia de investigação, utilizamos o levantamento de dados. Yin (2005) ressalta que nessa estratégia, o trabalho é voltado para identificar dados de modo organizado e sistematizado que são focados em acontecimentos contemporâneos e onde o fenômeno estudado não exige controle do pesquisador. Para tanto, consultamos uma base de dados, a saber o Repositório Digital da Universidade Federal de Pernambuco ou simplesmente, Repositório Institucional ATTENA. O mesmo foi implementado em 2014 e reúne as pesquisas em nível de mestrado e doutorado defendidas nos Programas de Pós-Graduação da instituição.

O estado da arte foi o caminho que adotamos como método de investigação. Enquanto método, o estado da arte configura-se em um marco histórico do conhecimento. Nele é possível identificar, em um lapso temporal e um recorte geográfico, o que se tem produzido sobre determinada área ou fenômeno (ROMANOWSKI, 2006). Seguimos esse percurso na construção do estado da arte: i) localização de bancos de dados de pesquisa com acervo catalogado; ii) levantamento de teses e dissertações; iii) estabelecimento de critérios para composição do *corpus* do estado da arte, que utilizou o descritor afrocentricidade; iv) leitura do material selecionado conforme o objetivo a que se pretende o estado da arte; v) organização e análise dos dados.

Consideramos, para efeito de quantificação, como: a) autoria negra: as pessoas pretas e pardas que foram citadas nas referências, b) as pessoas africanas: aquelas nascidas no continente africano que foram citadas nas referências e c) afrodiáspóricas: as pessoas negras que não são africanas, mas têm identificação cultural e social com o continente africano e que foram citadas nas referências.

Para quantificar o total de referências, consideramos documentos, sites e citações de organizações civis. Para quantificar o total de referências negras, africanas e afrodiáspóricas, consideramos o número de obras citadas nas pesquisas. Foram excluídas as pesquisas que não mantinham aproximação teórica, metodológica ou de abordagem filosófica com a afrocentricidade. Como se trata de uma breve busca, não optamos por lapso temporal, visto que nossa intenção de pesquisa foi tensionar quão afrocentradas são as pesquisas com

abordagem da afrocentricidade nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

Os dados foram analisados sob a perspectiva da afrocentricidade, que possibilita interpretações e leituras de fenômenos com um agenciamento outro que não formas hegemônicas que utilizam categorias e marcadores fundamentalmente ocidentais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A contribuição do pensamento negro-africano, como movimento plural, filosófico e epistêmico, chega-nos como irrelevante, quando não inexistente. Essa produção da inexistência é, necessariamente, intencional e política. A não-existência é legitimada por uma razão chamada por Santos de metonímica. Tal razão é fundada na dualidade das realidades e das coisas. É um modo hierárquico de conhecer o mundo, possuindo a dicotomia como simetria do conhecimento. De outro modo, na razão metonímica o todo é compreendido no conjunto das partes, assim temos que as partes são sempre opostas.

Temos uma implicação nisso: o mundo passa a ser organizado em uma ordem legitimada, naturalizada e de poder que prioriza uma perspectiva única. Assim, a cultura científica ocupará lugar de destaque diante de outros modos de conhecimento, bem como relações opositoras são fundadas a partir da superioridade de um em detrimento de outro, constituído sob o signo da diferença. Nas relações homem e mulher, civilização e primitivo, branco e negro, ocidente e oriente, os primeiros são vistos como lugares enunciativos privilegiados e legítimos em razão dos segundos, inferiores e subalternizados.

A razão metonímica, segundo Santos (2002, p. 242) “afirma-se uma razão exaustiva, exclusiva e completa, muito embora seja apenas uma das lógicas de racionalidade que existem no mundo e seja apenas dominante nos estratos do mundo abrangidos pela modernidade ocidental”. Essa mesma razão organiza e sistematiza um canône filosófico e epistêmico que inviabiliza a presença negro-africana. Lembrando que o continente africano, em toda sua pluralidade, é pensado através das narrativas eurocêtricas.

No Brasil, internalizamos e partilhamos uma neurose político-cultural de construção de nossas identidades e identificações. Conforme Gonzalez (1980), o Brasil é construído pensando-se branco. Trata-se do processo de modulação de nossas intersubjetividades que denega nossas raízes mais históricas e culturais mais profundas. Elaboramos o desejo e ao mesmo tempo o e negamos. Somos o sujeito – se a linguagem assim permitir registrar sem cair nos universalismos – que negamos as Áfricas e as *Abya Yala*'s¹ que nos formam de modo mais consistentes. Até porque vamos macaqueando os valores europeus e acabamos criando uma cosmologia social pautado no racismo (FANON, 2010).

Por isso, o sujeito negro no Brasil é fundado não em seus aspectos biológicos, mas etno-semântico, político e ideológico (MUNANGA, 2004). Ele acaba herdando a visão subalternizada narrada pelo projeto colonial europeu, visto que o sujeito branco é aquele que herda privilégios sociais e culturais e é ele sinônimo de uma matriz social que orienta a normalidade da estética, da cultura, da moral e de tantos outros elementos que fundam seu lugar de identificação (CARDOSO, 2010).

Quando tensionamos os cânones epistêmicos que sustentam as investigações e pesquisas das nossas academias, podemos contextualizar essa problematização. Assim, é inegável que, beneficiários que somos da filosofia ocidental, as contribuições negro-africanas são atravessadas pelo epistemicídio, a estratégia de manutenção e perpetuação da hegemonia da branquitude (CARNEIRO, 2005; RAMOS, 1995).

Temos dificuldades de acessar, conhecer ou mesmo reconhecer a legitimidade de um cânone nego-africano nas nossas investigações porque a branquitude, como lugar de construção da identificação dos sujeitos brancos, acaba por reafirmar a ausência do *status* ontológico de humanidade nas pessoas negras (RAMOSE, 2011). Podemos falar então, de um racismo epistêmico que, conforme Grosfoguel (2012, p. 54) considera “o conhecimento ‘não ocidental’ como inferior ao conhecimento ‘ocidental’”.

Nesse sentido, apresentamos aqui, em uma breve busca no Repositório Digital da Universidade Federal de Pernambuco, algumas pesquisas produzidas sob a intenção

¹ Nome dados por alguns grupos ameríndios ao que hoje é, ocidentalmente, chamado de América.

afrocentrada – seja em seu aspecto teórico ou metodológico, ou mesmo sua abordagem filosófica. O objetivo estabelecido nesta busca foi quantificar a autoria negra, africana e/ou afrodiáspórica nas pesquisas encontradas, em nível de mestrado e doutorado.

No mês de janeiro de 2021, por meio do buscador afrocentricidade, encontramos 12 pesquisas. Desse total, uma foi excluída por não ser uma pesquisa em nível de mestrado ou doutorado e outra porque não dialogava com mais precisão com a afrocentricidade. Abaixo segue tabela com as pesquisas encontradas:

Tabela 1: Pesquisas nos Programas de Pós-Graduação da UFPE

ANO	AUTORIA	TÍTULO
2020	José Diêgo Leite Santana	A (re)invenção dos corpos do sul e as pedagogias africanas no enfrentamento à colonialidade do ser
2019	Selma de Sousa Brito	“Até Oxalá vai à guerra”: protagonismo político e modos de atuação das Comunidades Tradicionais de Matriz Africana na esfera pública da Cidade de Belém-PA
2019	Arthur Danillo Castelo Branco de Souza	Carapuça a quem servir: fugas, roubos e tráfico de escravos no Pernambuco Imperial (1850-1873)
2019	Rogério Mendes Coelho	Pedagogias da <i>cimarronaje</i> : a contribuição das cosmogonias e cosmovisões africanas e afrodescendentes para a crítica literária e literaturas (afro) latino-americanas
2019	Mariana Borelli Rodrigues	Maternidade, raça e classe: hierarquias, privilégios e opressões entre mulheres mães no contexto do trabalho doméstico remunerado
2018	Camila Ferreira da Silva	As marcas da memória hegemônica e da memória vivida nas imagens da mulher negra nos didáticos do território campesino do Brasil e da Colômbia: um olhar através dos estudos pós-coloniais e do feminismo negro latino-americano
2017	Delma Josefa da Silva	Referenciais epistêmicos que orientam e substanciam práticas curriculares em uma escola localizada na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas
2016	Claudilene Maria da Silva	Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento
2015	Nicácia Lina do Carmo	A História e a cultura africana e afro-brasileira: lei

10.639/03 no diretório dos grupos de pesquisa registrados no CNPq		
2014	Kywza Joanna Fidelis Pereira dos Santos	Dos orixás ao <i>black is beautiful</i> : a estética da negritude na música popular brasileira

Fonte: elaboração própria.

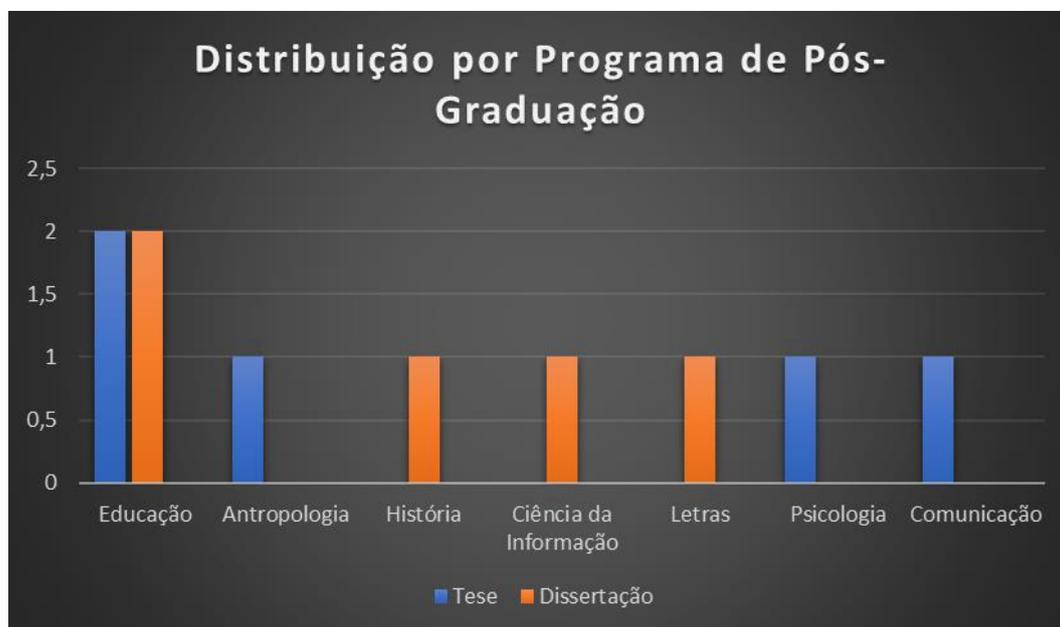
A afrocentricidade como abordagem teórico-metodológica permite uma recontextualização das investigações sobre os fenômenos que envolvem as africanidades e sua relação com fenômenos, historicamente, pesquisados sob os paradigmas eurocêntricos. Isso faz emergir, como afirma Asante (2016), novas perspectivas sobre as ciências sociais, a própria natureza das investigações científicas e o tensionamento sobre as humanidades, bem como revisar as narrativas históricas sobre nossas existências política, estética e cultural.

Como podemos ver na Tabela 1, a emergência de nossas raízes amefricanas (GONZALEZ, 1988) é possível quando utilizamos outras chaves de leitura sobre os fenômenos investigados. A afrocentricidade é movimento epistemológico que possibilita a criatividade intelectual e que nos coloca fora “gaiola do pensamento imperial ocidental” (ASANTE, 2006, p. 10).

Pela afrocentricidade, vamos nos tornando agentes e produzindo agências cada vez mais localizadas em nossas raízes. Trata-se de desalojar sujeitos pensados sempre na categoria filosófica ocidental da racionalidade instrumental. Assim, são provocadas rupturas, fissuras ou tensões em centros culturais, econômicos e psicológicos que ordenam nosso cotidiano e nossas relações sociais por meio de hierarquias de branquidão. Isso implica diretamente na forma como produzimos nossas pesquisas, pois elas são orientadas sempre em uma perspectiva de embranquecimento e silenciamento das contribuições negras, africanas e afrodiáspóricas.

Em relação às áreas dos Programas de Pós-Graduação, temos a seguinte distribuição:

Figura 1: Áreas dos Programas de Pós-Graduação



Fonte: elaboração própria.

Há uma concentração das pesquisas encontradas na área de Educação. Contudo, importa vermos as diferentes áreas do conhecimento em que são produzidas as pesquisas de interesse afrocentrado. Percebemos que as pesquisas são oriundas da área do conhecimento das ciências humanas e sociais. Há ausência de trabalhos nas áreas das ciências agrárias, biológicas, exatas e da Terra, engenharias. Isso nos levar a questionar: de que modo um paradigma de mudança social como a afrocentricidade poderia chegar em áreas de conhecimento outras que não apenas as ciências humanas e sociais?

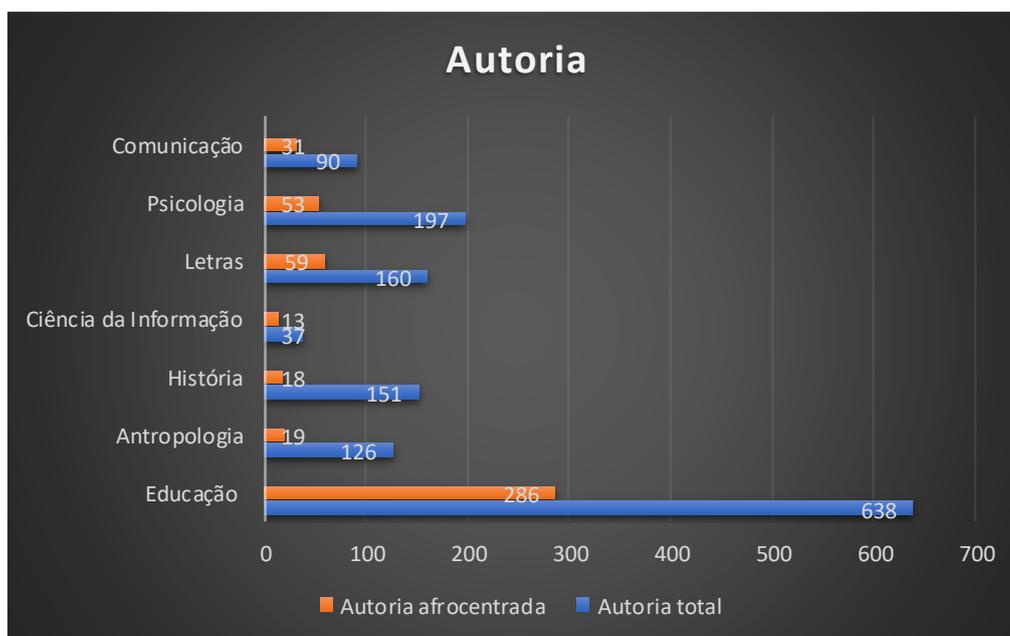
Parece existir uma abertura maior a paradigmas e abordagens outras no campo da educação. No Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco encontramos uma experiência extensioista bastante importante na cocriação de realidades que contribuem para enfrentar estruturas racistas no meio acadêmico. Em 2013 é criado o Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação – GEPAR. O mesmo faz parte do Programa de Extensão, Ensino, Pesquisa do referido centro institucional. Vemos neste grupo um provocador e cocriador institucional de processos formativos pautados no

enfrentamento ao racismo estrutural e institucional. De modo prático, o grupo tem proposto ações afirmativas que possibilitem atitudes e práticas antirracistas dentro da universidade.

Evidentemente, quando tratamos da educação como formação humana e para além de uma perspectiva instrumental, é mais fácil reconhecer modos historicamente subalternizados e inferiorizados de produzir conhecimento. Devemos levar em consideração também que o cientificismo abunda em diversos campos do saber. A educação, como campo de investigação, tantas vezes propõe rupturas e fissuras com a noção de um sujeito exclusivamente cognitivo ou racionalista. Isso é provocado por movimentos disruptivos com as matrizes hegemônicas de compreensão de mundo, implicando em uma reposição de cosmovisão de mundos.

Agora, para analisar quão afrocentradas são os trabalhos encontrados, apresentamos, por Programa de Pós-Graduação, o número de autorias total nas pesquisas, bem como o número de autorias negras, africanas e afrodiáspóricas.

Figura 2: Autoria nos Trabalhos



Fonte: elaboração própria.

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco apresenta os trabalhos com maior inclusão de referência negra, africana e afrodiáspóricas em suas produções voltadas para a afrocentricidade. Não pretendemos analisar quais motivos influenciam determinados programas a se abrirem à orientação e centramento de suas referências em cânones teóricos outros que não os hegemonicamente estabelecidos. Contudo, como nos posicionamos sobre a produção da inexistência, não podemos deixar de afirmar que aquele que é lido como o inferior, o improdutivo e o ignorante torna-se em realidades silenciadas. Se tais referências são vistas a partir dessa perspectiva, evidente que elas serão intencionalmente ausentes nos trabalhos.

Pensar desde o Sul (SANTOS, 2009), pensar desde centros outros de produção do conhecimento, pensar desde realidades êmicas e com categorias/marcadores próprios (MAFEJE, 2008) é um meio de insurgir-se contra a poderosa hegemonia branca que tem como medida sua própria posição de identificação. Essa posição racializa o mundo e mantém o outro sob o signo da diferença, da inferiorização e da incapacidade epistêmica.

Meneses (2016) afirma que a justiça social global somente será possível quando houver uma reparação via justiça cognitiva. De modo que:

Restituir a humanidade ao ‘homem negro’, ultrapassar a exclusão epistêmica e a negação ontológica a que tem estado sujeito, é uma das dimensões fundamentais de qualquer projeto de justiça. Enquanto desafio ético, a justiça cognitiva é uma condição para a mudança radical da injustiça trazida pelo projeto colonial-capitalista, onde a epistemologia, em lugar de ser singular, é vista como processo de negociação e diálogo entre saberes (MENESES, 2016, p. 179).

A produção da inexistência, ausência ou de uma frágil contribuição do pensamento negro-africano na construção do conhecimento de mundo torna-se uma questão que precisa ser enfrentada em Programas de Pós-Graduação, até porque o berço da humanidade, a África, como nos mostram Wedderburn (2007) e Ki-Zerbo (2006), não pode ser construída somente na lógica do colonizador.

Quando olhamos as produções de aproximação afrocentrada na Universidade Federal de Pernambuco, é inegável a necessidade de produzir desde o pensamento negro-africano e

afrodiaspórico, honrando as pessoas que provocam rupturas em um pensamento hegemônico. De mesmo modo, não podemos ignorar os avanços no Programa de Pós-Graduação em Educação quando, nos trabalhos produzidos, temos cerca de 45% de autoria negro-africana e afrodiaspórica. Esse avanço pode ser melhor compreendido quando comparamos com uma outra pesquisa (SANTANA, 2020), em que, na plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, buscando pelo assunto pedagogia africana o autor conseguiu identificar seis pesquisas, das quais quatro compuseram seu *corpus* de análise. De um total de 405 referências utilizadas, apenas 10 eram africanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Afrocentricidade enquanto emergência e enfrentamento a modelos hegemônicos e totalitários da produção do conhecimento permite reavaliar fenômenos e narrativas em uma postura de alargamento de perspectivas. Sua importância é real, sobretudo na academia, quando passamos a questionar de que modo um cânone teórico, metodológico e filosófico é estruturado e posto como legítimo, perpetuando o racismo epistêmico e o epistemicídio de sujeitos outros que não os sujeitos brancos.

Se a posição de questionar a legitimação de cânones e tradições já é, por si mesmo, insurgente, quando nos comprometemos com as lutas antirracistas não podemos nos anular dessa localização epistêmica. O mundo em sua pluralidade é colocado em universalidades que narram modos estritos, não locais e limitadores de ser. Por isso mesmo devemos perceber em quais bases ontológicas, axiológicas, epistêmicas e metodológicas nossas pesquisas são produzidas.

A produção da invisibilidade e da ausência do pensamento negro-africano e afrodiaspórico na realidade acadêmica brasileira é, mais que tudo, uma ressonância de nossa neurose político-cultural em nos referenciar a partir, desde e somente nos modelos etnocêntricos de uma Europa colonial, patriarcal e racista.

Ao analisar as produções de teses e dissertações na Universidade Federal de Pernambuco percebemos a necessidade de fundamentar nossas posições teórico-

metodológicas e epistêmicas em bases genuinamente negras, africanas e afrodiáspóricas. O Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição demonstra como isso pode ser possível, contribuindo para que quadros teóricos afrocentrados possam ser considerados e legitimados na produção do conhecimento.

Conhecer referências teóricas que são invisibilizadas e desconsideradas é um movimento sociológico e político de produzir existência. Assim, compete a quem pesquisa e se coloca a favor do antirracismo questionar as bases canônicas brancas da academia, que pretensiosamente ainda restringem os sujeitos negros à posição de objeto de pesquisa. A reparação e a justiça cognitiva começam quando lançamos mão de nossa posição privilegiada e partilhamos das periferias existenciais.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **O perigo da história única**. [S. l.]: [s. n.] TED, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentric Manifesto**. Toward an African Renaissance. Cambridge: Polity Press, 2007.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. Tradução de Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. **Ensaio Filosófico**, Rio de Janeiro, v. XIV, dezembro/2016.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista. **Rev. Latinoam. Cienc. Soc.** v. 8, n. 1, 2010.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. São Paulo: FUESP, 2005.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Minas Gerais: Editora UFJF, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Anais Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, p. 223-245. Rio de Janeiro, 1980.

GROSFUGUEL, Ramón. Islamofobia epistémica y ciencias sociales coloniales. In: MARTÍNEZ, A.; MERLINO (Coord.). **Género, raza y poder**. Argentina: Eduvim, 2012.

HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 149-160, 2008.

KARENGA, Maulana. Afrocentricity and multicultural education. In: MAZAMA, Ama. **The afrocentric paradigm**. Trenton: África World Presse, 2003.

KI-ZERBO Joseph. **Para quando a África?** Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro, PALLAS, 2006.

MAFEJE, Archie. Africanity: a combative ontology. **Codesria Bulletin**, n. 3-4, p. 106-110, 2008.

MAZAMA, Ama. A Afrocentricidade como um novo paradigma. In: Nascimento, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009

MENESES, Maria Paula. A questão negra entre continentes: possibilidades de tradução intercultural a partir das práticas de luta? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 43, p. 176-206, set/dez 2016.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Patologia social do “branco” brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. Tradução de Rafael Medina Lopes, Roberta Ribeiro Cassiano Dirce Eleonora Nigro Solis. **Ensaios Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. IV, outubro/2011.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas do Tipo Estado da Arte em Educação. **Revista Diálogo Educ.** v. 6, nº 19, p. 37-50, set/dez. 2006.

SANTANA, José Diêgo Leite. **A (re)invenção dos corpos do Sul e as pedagogias africanas no enfrentamento à colonialidade do ser**. 236 f. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (Mestrado em Educação Contemporânea), Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 63, 2002.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para compreensão do racismo na História. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Submetido em: 10/06/2021

Aprovado em: 15/01/2022